

# NARRATIVAS ATRAVÉS DE IMAGEM E TEXTO

## RELAÇÕES ENTRE IMAGEM E TEXTO NA OBRA *NAVEN* DE GREGORY BATESON

Marialba Maretti <sup>1</sup>

### A antropologia e a imagem

A antropologia marcou a virada do século XIX e início do século XX com dezenas de expedições etnográficas impulsionadas pelo desejo de buscar o longínquo e o diferente. E desde cedo a antropologia encontrou a fotografia e o cinema como recursos. Como apontado por Caiuby (2005:108) a aliança entre imagem e antropologia é de longa data, “a antropologia acompanhou de perto todo o desenvolvimento da Fotografia e do Cinema, utilizando-se desses registros desde o momento em que se tornaram disponíveis”.

Pinney (1992), chegou a traçar paralelos entre marcos históricos da antropologia e a imagem – tanto na forma fotográfica quanto fílmica: no ano de 1837 tem-se a construção do primeiro daguerreótipo e a formação da 'Sociedade de Proteção aos Aborígenes'; em 1839 é anunciado a 'ilustração fotogênica' de Fox Talbot; em 1843 é fundada a 'Sociedade Etnológica de Londres' e em 1895 há a primeira exibição comercial do cinema e logo após três anos, em 1898, Haddon e Rivers levam uma câmera de filmar ao Estreito de Torres.

Portanto, este encontro, entre ciência antropológica e imagem, marcou todo o desenvolvimento da antropologia, documentando, criando algo portador de informação, assim “as imagens poderiam funcionar nesse contexto dentro do espírito de recolha que informava a expansão industrial e colonial, do conhecimento antropológico e sua dimensão museística” (Ribeiro, 2005:621).

O primeiro aproveitamento destes recursos imagéticos, para fins de pesquisa, foi realizado pela antropologia física, em trabalhos antropométricos, como os de Ales Hrdlicka (1869–1943) e de Frederick Starr (1858 -1933). Neste mesmo período, final do século XIX, conhecidos antropólogos iniciaram seus trabalhos registrando a cultura indígena através de imagens, tal como fez Franz Boas (1886), Walter Balidw Spencer (1894), C. G. Seligman (1898) e Edwards S. Curtis (1900). (Samain, 1995 e Boni, 2007).

Outro pioneiro que também contribuiu para formar o alicerce da antropologia, para além do campo visual, foi Malinowski. Ainda na década de 1910 realizou sua importante investigação na Melanésia, a qual resultou no trabalho publicado em 1922, sob o título de *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, como parte deste, estão presentes sessenta e cinco pranchas fotográficas (totalizando setenta e cinco fotografias) que ilustram determinados traços e atividades da vida trobriandesa. Cabe destacar o uso metódico que Malinowski fez da fotografia em suas diversas pesquisas de campo. (Samain, 1995).

Este crescente número de antropólogos, os quais auxiliados pelos mecanismos imagéticos de suas épocas, buscavam estudar, conhecer e relatar os costumes dos povos até então desconhecidos pela Europa. Como destaca Cunha (2006:13) os recursos imagéticos eram como “instrumentos científicos, tanto quanto o microscópio, capaz de ampliar o olhar do cientista, pois ao 'estabilizar' ou 'fixar' os dados obtidos em campo facilitariam análises posteriores”. Esse procedimento foi adotado por Boas, Malinowski, Evans-Pritchard, dentre outros, que se serviram da fotografia em suas obras, sendo que os dois primeiros chegaram a estimular sua utilização a seus discípulos (Freire, 2006:65).

Mas, não foram somente os antropólogos que se apropriaram dos instrumentos de apreensão e reprodução de sons e imagens que estavam ao seu alcance. Pesquisadores de

---

1 Graduada e licenciada em Ciências Sociais. Atualmente cursa o mestrado em Multimeios no Instituto de Artes da Unicamp, onde desenvolve uma pesquisa financiada pela Fapesp, sob orientação do Prof. Dr. Etienne Samain, sobre as imagens na obra *Naven* de Gregory Bateson. É pesquisadora dos grupos: GRIP (Grupo de Reflexão Imagem e Pensamento) e GESTA (Grupo de Estudos de Antropologia e Arte) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH – Unicamp). Contato: marialbamaretti@gmail.com.

diversas áreas também o fizeram, a exemplo do biólogo Alfred Cort Haddon, com sua importante expedição ao Estreito de Torres em 1898, que “estaria não somente redirecionando os rumos de sua própria carreira como contribuindo de forma definitiva para o lançamento das bases de um novo campo do conhecimento que viria, anos depois, a ser conhecido como Antropologia Visual.” (Freire, 2006:60).

Segundo a linha de pensamento de Achutti (2004) mesmo com tantos trabalhos que, ao longo da história da antropologia, utilizaram-se de imagens, poucos o fizeram de maneira significativa, atribuindo às mesmas uma forma narrativa indispensável à apresentação de suas pesquisas. Endossando essa afirmação, Ribeiro (2005:616) afirma que “a ciência e a antropologia permanecem, sobretudo textuais, e à imagem pouco mais resta do que servir a propósitos de ilustração ou popularização da ciência. Essa tendência manter-se-á não obstante o desenvolvimento de muitas e boas práticas de utilização da imagem”.

Contrariando este fato, o livro *Balinese Character A Photographic Analysis*<sup>2</sup>, - realizado por Gregory Bateson e Margaret Mead - estudo acerca do que faz com que uma criança Balinesa torna-se Balinesa. É considerado por Collier (1973), como o marco de uma primeira e exaustiva pesquisa que conjuga sistematicamente texto e imagem, na qual as imagens são elevadas ao mesmo patamar do texto, não sendo somente instrumentos de coleta de dados, em outras palavras, imagens realizadas em campo para posteriormente serem melhor analisadas. (Freire, 2006).

Porém, esta pesquisa certamente não teria se realizado sem a atuação de muitos outros investigadores que criaram uma história de relações entre a imagem e a antropologia, como já citado anteriormente. Um dos fatos que mais contribui para que Bateson e Mead fizessem uso da fotografia em seus pesquisas, foi terem possuído mentores que apreciavam o uso de imagens em trabalhos etnográficos: Mead por Franz Boas e Bateson por Alfred Cort Haddon. Muito embora, possamos verificar uma primeira utilização de fotografias por Bateson em seu livro *Naven*, anterior a *Balinese Character*, exemplificado através de uma breve análise acerca da obra *Naven*.

### O embate entre texto e imagem

Fabris (2007) apresenta como vivemos em um mundo cada vez mais rodeado por imagens. A autora aponta como cada vez mais estamos cercados por um “domínio crescente da cultura visual e com sua presença em todos os aspectos do cotidiano sob forma de fotografias, de imagens digitais, interativas, fílmicas, videográficas, televisivas, médicas, transmitidas por satélite etc.” (Fabris, 2007:31). Nesta profusão imagética, a palavra estaria “perdendo terreno como meio de comunicação”.

Contudo, ainda que esta crescente utilização de imagens desde a Revolução Industrial, com a invenção da fotografia, aconteça em suas mais diversas formas - como em propagandas ou em forma de transmissão de informação, o embate entre as potencialidades, diferenças e superioridades da escrita e do visual ainda é latente.

Talvez, a comparação entre texto e imagem seja uma constante desde o Renascimento, quando se buscava escalonar as formas de expressão artísticas, na tentativa de encontrar diferentes status para a pintura e a poesia. Este embate, tão violento em alguns momentos, nos permite identificar ondas iconoclastas<sup>3</sup> ao longo da história, como apontado por Machado (2001):

de tempos em tempos, retorna na história da cultura humana o surto do *iconoclasmo* [do grego *eikon*, imagem + *klasmos*, ação de quebrar], manifesto sob a forma de horror às imagens, denúncia de sua ação

---

2 Analisado e metodologicamente utilizado por ALVES, Andre. *Os Argonautas do Mangue* (André Alves): *precedido de Balinese Character (re)visitado* (Etienne Samain) . 1. ed. Campinas e São Paulo: Editora da UNICAMP e Imprensa Oficial, 2004. v. 1. 264 p.

3 O debate sobre iconoclasmo pode ser conferido também em LATOUR, Bruno. “O que é iconoclash? Ou, há um mundo além das guerras de imagem?”. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 14, n. 29, June 2008. Onde Latour apresenta o conceito de iconoclash, caracteriza pela tensão causada pelas imagens. Este fenômeno (iconoclash) aponta de que forma a iconofilia e iconoclasmo, comumente vistos como opostos, podem ocultar atitudes, muitas vezes complementares, ou seja, a vontade de destruir as imagens do outro, é na realidade um desejo de impor sua própria imagem.

danosa sobre os homens e destruição pública de todas as suas manifestações materiais. (Machado, 2001:06).

Há um ponto em comum entre estes ciclos iconoclastas: “se ancoram numa crença inabalável no poder, na superioridade e na transcendência da *palavra*, sobretudo da palavra escrita, e nesse sentido não é inteiramente descabido caracterizar o iconoclasmo como uma espécie de 'literolatria'”. (Machado, 2001:11).

Se, a relação entre imagem e texto é constantemente marcada por tensões ao longo da história, não seria diferente dentro de uma disciplina marcada pela produção escrita, como é a antropologia. Conforme assinala Caiuby (2008:455) “A comparação entre imagem e texto é uma constante para aqueles que se dedicam à antropologia visual.”

Mitchell (1986), ao tratar da diferença entre imagem e texto, apresenta que não há diferença entre eles, o que existe são diferentes formas de representar. Caracterizando cinco tipos de imagens: as gráficas (quadros, desenhos, estatuas), as óticas (espelho, projeções), as perceptivas (dados sensíveis, experienciais), as mentais (sonhos, memórias, ideias, fantasmas) e as imagens verbais (metáforas da descrição).

Mitchell apresenta os dois lados da moeda, tanto a superioridade da imagem sobre o texto, quanto o inverso. Segundo este autor, o texto seria superior a imagem no que se refere a retratar pensamentos, por exemplo, coisas que não são visíveis. A linguagem verbal também é capaz de articular ideias complexas e expressar relações lógicas. As imagens, ao contrário, podem demonstrar algo numa 'exposição muda'. Assim, a imagem, em si, não expressa, apenas afirma em sua 'dependência parasítica' do verbal.

Em contrapartida, os argumentos em defesa da imagem sobre o texto seriam: a naturalidade da imagem faz com que se torne um meio universal de comunicação, que promove uma representação direta, imediata e acurada das coisas. A imagem carrega em si, um poder epistemológico, já que pode ser um meio de comunicação universal, ou seja, qualquer pessoa, independentemente se seu idioma, estudo, classe, gênero, pode conseguir compreender uma imagem. E por fim, a imagem alcança imediatamente o objeto que representa e o destinatário a que se dirige, diferente do texto.

Tratando-se de conhecimento antropológico, MacDougall (1998), assinala que a principal diferença comparativa entre texto e imagem encontra-se na possibilidade de controle sobre o significado do texto, já no caso da imagem, este controle pode escapar. Caiuby (2008) realiza uma ressalva a este pensamento: o texto fornece a impressão de conter um único sentido, embora seja lembrado pela autora que também ele é passível de várias leituras. Já as imagens tem uma “natureza paradoxal: por um lado, estão eternamente ligadas a seu referente concreto, por outro, são passíveis de inúmeras 'leituras', dependendo de quem é o receptor”. (Caiuby, 2008:457).

Porém, a separação entre texto e imagem, nem sempre pode ser feita. O que demonstra que a ligação entre imagem e texto é a caligrafia, onde texto e desenho tem uma relação plástica.

Se buscarmos a origem da visualidade na escrita, nos depararemos com um momento em que é quase impossível separar escrita e desenho. As imagens pintadas, desenhadas ou gravadas podem ser consideradas uma forma de escrita, além da escrita também ser uma forma gráfica que comunica através de formas. Como afirma Anne-Marie Christin (1995), a língua escrita só pode ser criada, devido às combinações das imagens vistas no mundo. Ou seja, o texto só existe porque se remete a uma imagem. A escrita nasceu da imagem.

Christin, vai ainda mais longe ao caracterizar a escrita como uma dupla imagem. Já que as palavras escritas seriam figuras – principalmente no que se refere à escrita oriental –, já que se remetem historicamente a uma imagem que ao mesmo tempo são desenhos, e o papel em branco, onde estão escritas estas palavras, também é uma imagem. Os textos ocidentais também possuem imagens, temos diagramações, divisões do texto por colunas, cores aplicadas nos tipos. Isso significa que o texto em si é possuidor de imagens através de sua forma, indo além de meros significados figurados. Por exemplo, no Brasil é comum identificarmos o leão como sendo o imposto de renda; ou ainda como sendo o rei da floresta; símbolo de aristocracia; todas estas metáforas vão além do fato do leão ser um animal.

Mesmo havendo múltiplas formas de encarar as diferenças entre texto e imagem, três pontos ficam claros e constantes: a) é possível relacionar texto e imagem; b) ambos são formas comunicativas, e c) o texto é uma espécie de imagem.

“De modo cada vez mais freqüente, as imagens vêm sendo estudadas como forma de linguagem.” (Caiuby, 2008:457). É este nosso objetivo neste artigo, compreender as relações entre texto e imagens fotográficas de Bateson presentes em *Naven* como uma forma narrativa.

### Convite ao *Naven*

Em 1932, Bateson encontra-se na Nova Guiné – especificamente nas aldeias de Mindimbit, Kankanamun, Palimbai e Malingai – a fim realizar pesquisas sobre o *Naven*. Ritual de travestimento em que os indígenas realizavam para congratular certos feitos ou ações notáveis, realizadas pela primeira vez, por jovens de ambos os sexos. O irmão da mãe (denominado *wau*) veste-se com adereços femininos, com grande alarde e bufonaria, percorre a aldeia proferindo uma formula laudatória e, assumindo trejeitos de comportamento femininos, faz demonstrações caricaturais, quando não obscenas, de inferioridade diante do filho ou filha de sua irmã (denominado *laua*), isto é, do realizador da ação comemorada. Na mesma cerimônia, as mulheres vestem-se com trajes masculinos e emulam com exagero atitudes usualmente características da conduta masculina *latmul*<sup>4</sup>.

Há uma longa lista de atos onde o *Naven* pode ser celebrado - o maior deles é o homicídio. Próximo do homicídio, o mais honroso ato, é auxiliar alguém a matar (as possíveis vítimas podem ser um inimigo, alguém de outra tribo ou um estrangeiro). Os outros feitos em que são celebrados o *Naven* são: matar animais como pássaros, peixes, enguia, tartaruga, raposa voadora<sup>5</sup>; plantar plantas como inhame, tabaco, coco, areca<sup>6</sup>, bétel<sup>7</sup>, sagu<sup>8</sup>, cana de açúcar; localizar um gambá em meio aos arbustos; derrubar uma palmeira de sagu, abri-la e sovar o sagu; fazer ou usar um atirador de flechas; usar um “atirador” para matar um pássaro; usar um machado de pedra, afiar uma lança de pesca; esculpir um remo; construir uma canoa; fazer uma vara para cavar; tocar uma flauta; tocar os tambores secretos chamados *wagan*; viajar para um outro vilarejo e retornar; adquirir conchas de valor; comprar um machado, faca, espelho, etc; comprar uma noz de areca; matar um porco e patrocinar uma festa.

Existem celebrações *Naven* para as garotas também, porém a lista de ocasiões é reduzida: pegar um peixe com anzol e linha; colecionar insetos; lavar sagu; cozinhar panquecas de sagu; cozinhar pasta de sagu; fazer uma armadilha para peixe, uma capa de chuva ou uma sacola e dar a luz a uma criança.

Bateson teve contato com as escolas antropológicas em voga nos dois continentes, europeu e norte-americano, e como estas teorias tão distintas foram cruciais para a formulação de suas próprias idéias e, deste modo, pode realizar seu trabalho de campo sobre a cerimônia *Naven*. Baseados nisso e na apresentação que Bateson faz de seus próprios métodos no livro, podemos apontar que o conceito de 'Estrutura' utilizado foi emprestado de Radcliffe-Brown; o de 'Função', de Malinowski; o de 'ethos'<sup>9</sup> parte da idéia de configuração (*patterns*) de Benedict.

Portanto, decorrente destes encontros, Bateson, em 1936, conclui e publica os resultados de sua pesquisa com os *latmul*, sobre o título de *Naven: a survey of the problems suggested by a composite picture of the culture of a New Guinea tribe drawn from three points of view*. Re-editado em 1958 na Inglaterra. Lançado no Brasil, em 2008, sob o título de *Naven: Um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas*.

O extenso título da obra, já assinala que não é uma etnografia comum. Possivelmente, devido ao contato com tantas teorias antropológicas, Bateson tenha redigido sua monografia de

---

4 Importante ressaltar que durante o ritual, o travestimento não implica em uma troca de papéis sociais, ele é, antes, uma dramatização caricatural acerca de como um gênero enxerga o outro. Este ponto não é enfatizado por Bateson, embora seja significativo em outros contextos de análise que não apresentamos neste artigo.

5 Raposa voadora é um grande morcego com focinho de raposa.

6 Gênero de palmeira asiática.

7 Tipo de pimenta.

8 Tipo de fécula.

9 Bateson no início da *Naven* define *ethos* segundo o *Oxford English Dictionary*, como sendo “O espírito característico, a tônica predominante dos sentimentos de um povo ou de uma comunidade; o 'gênio' de uma instituição ou de um sistema” (Bateson, 2008:70). Na versão em inglês: “The characteristic spirit prevalent tone of sentiment of a people or community; the 'genius' of an institution or system” (Bateson, 1958:02)

forma tão singular, analisando o ritual *Naven*, de três diferentes pontos de vista: estrutural (Radcliffe-Brown), sociológica (Escola Sociológica Francesa) e etológica (Escola de Cultura e Personalidade de Ruth Benedict em especial). Cada uma destas abordagens remete-se a uma influência antropológica do autor.

Desta forma, no livro *Naven*, após trezentas páginas de descrição e análise tripla da cerimônia, Bateson apresenta vinte e oito pranchas fotográficas, totalizando quarenta e nove fotografias, cada uma com longas e detalhadas legendas. Estas fotografias retomam de forma visual todo o conteúdo do livro. Ou seja, a obra *Naven* pode ser lida em dois tempos: primeiramente seguindo-se o texto e as indicações para olharmos as fotos, e em segundo momento somente as quarenta e nove fotos que imagetivamente demonstram de forma sensível o povo latmul.

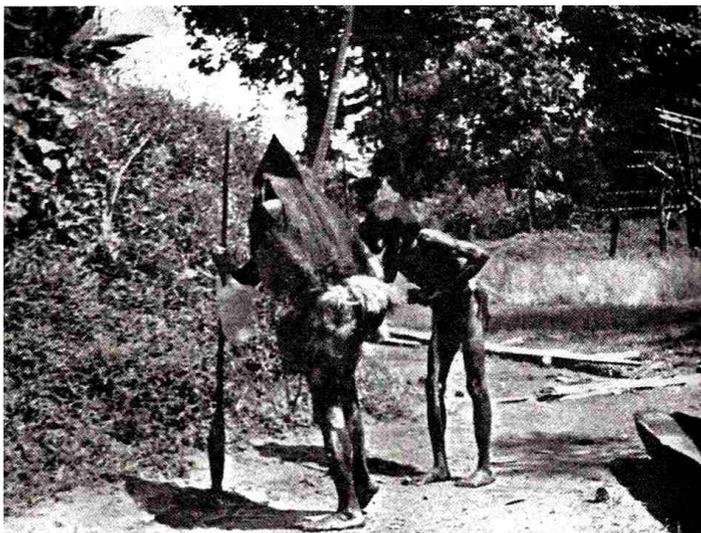
Estas fotos recontam, reapresentam e demonstram em uma narrativa visual. Como sugerido por Caiuby (2008:463) “talvez seja possível pensar a montagem, tal como foi proposta por Eisenstein, como uma tentativa do discurso visual de produzir algo que vá além das imagens efetivamente captadas, mesmo que se valendo delas e de sua justaposição para produzir novos sentidos.”

Baseando-nos em Berger (1999), que afirma que nunca podemos olhar para uma coisa de forma isolada, mas devemos apreender as relações. Analisaremos a seguir as fotografias realizadas por Bateson sobre o ritual *Naven*, qual a narrativa independente ou complementar ao texto que foi formada pelas imagens.

Como foi indicado por Bittencourt (1998:199): “a imagem pode e deve ser utilizada como uma narrativa visual que informa o relato etnográfico com a mesma autoridade do texto escrito. Mais do que representar fatos visíveis, tais imagens acrescentam outros meios de representação à descrição etnográfica”.

Desta forma, sem perder em nada para o texto etnográfico que o precede, muito pelo contrário, este caderno de fotos ao final do livro, talvez seja a grande demonstração do ethos latmul. Possibilitando que o leitor, ao olhar para as fotos, se aproxime muito mais da realidade e sentimentos latmul. Compreenda em outra instância o significado desta cerimônia.

Deixo aqui um convite ao leitor para que retome o livro *Naven* e com seu olhar atento tenha o maravilhamento ao olhar para as fotografias de Bateson e faça uma reflexão das relações entre imagem e texto na antropologia.



*Foto 2A. Naven em Palimbai para o filho de uma irmã, quando este fez uma grande canoa nova. Os dois jovens são waus (irmãos da mãe) e estão vestidos como velhas, com capas de chuva esfarrapadas e saias imundas. Eles andam claudicando pela aldeia, apoiando-se em remos curtos, como os usados pelas mulheres em suas canoas. (Os homens usam remos de 3 a 3,5 m de comprimento e ficam de pé ao remar.) O mais próximo dos dois waus traz na mão uma galinha branca para oferece-la a seu laua.*



Foto 3A. Naven em Palimbai. Os waus vão em direção à canoa feita pelo laua. Pendurado no nariz do wau mais afastado, vê-se um “ornamento” feito de sagu velho.



Foto 4A. Naven em Palimbai. Um dos waus tropeça devido a sua pretensa fraqueza. As crianças se juntam em torno dele, rindo.

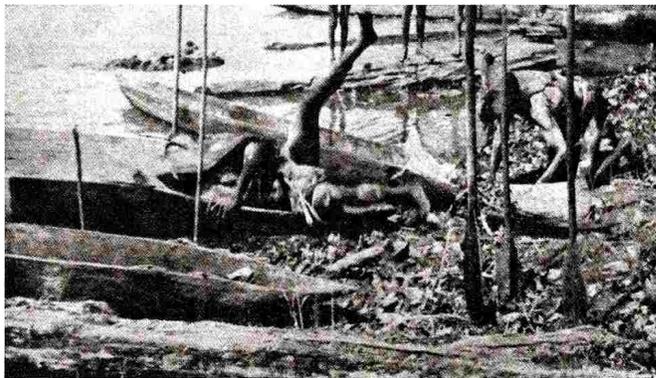


Foto 4B. Naven em Palimbai. Um dos waus chega até a canoa e cai dentro dela com as pernas abertas. O outro, de quatro, aproxima-se em estado lastimável.

## **Bibliografia:**

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. *Fotos e palavras, do campo aos livros* In Portal da Fotoetnografia do Grupo de Pesquisa Fotografia e Fotoetnografia: Arte e Antropologia, 2004. Disponível em: [http://www6.ufrgs.br/fotoetnografia/textos/texto\\_achutti.pdf](http://www6.ufrgs.br/fotoetnografia/textos/texto_achutti.pdf).

BATESON, Gregory. *Naven; a survey of the problems suggested by a composite picture of the culture of a New Guinea tribe drawn from three points of view*. 2ª. ed. Stanford: Stanford University Press, 1958.

\_\_\_\_\_. *Naven: Um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas*. São Paulo: Edusp, 2008.

BERGER, John. *Modos de ver*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BITTENCOURT, Luciana Aguiar. "Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica". In FELDMAN-BIANCO, B. & MOREIRA LEITE, M. *Desafios da Imagem – fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais*. Campinas: Papyrus, 1998 pp. 197 – 212.

BONI, Paulo César e MORESCHI, Bruna Maria. "Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico". in *Doc on-line*, número 03, dezembro de 2007, p. 137 – 157. Disponível em: <http://www.doc.ubi.pt>.

CAIUBY NOVAES, Sylvia. "O uso da imagem na Antropologia". In SAMAIN, Etienne (Org.). *O Fotográfico*. 2ª. ed. São Paulo: Editora Senac e Editora Hucitec, 2005. p. 107 – 113.

\_\_\_\_\_. "Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico". *Mana*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, Oct. 2008. pp. 455-475. Disponível no site: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132008000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132008000200007&lng=en&nrm=iso)

CUNHA, Edgar Teodoro & BARBOSA, André. *Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

CHRISTIN, Anne-Marie. *L'image écrite - ou la déraison graphique*. Paris: Fammarion, 1995.

FABRIS, Annateresa. "Discutindo a imagem fotográfica". *Revista do LEDI - Domínio da Imagem*, v. 1, 2007, p. 31-41. Disponível em <http://www.fotografiacontemporanea.com.br/00551122750506>

FREIRE, Marcius. "Gregory Bateson, Margaret Mead e o caráter balinês. Notas sobre os procedimentos de observação fotográfica em *Balinese Character. A photographic Analysis*". *ALCEU*, volume 07, número 13, jul./dez.. 2006, p. 60 – 72.

RIBEIRO, José da Silva. "Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação". *Revista de antropologia*, São Paulo, USP, 2005, volume 48, número 02, p. 613-648.

MACHADO, Arlindo. "O quarto iconoclasmo" in \_\_\_\_\_ *O Quarto Iconoclasmo e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001. pp. 06 – 33.

MACDOUGALL, David. "The visual in Anthropology". In BANKS, Marcus. E MORPHY, Howard. *Rethinking Visual Anthropology*. New Haven e Londres: Yale University Press, 1997 pp. 276 – 295.

MITCHELL, W. J. T.. *Iconology, Image, Text, Ideology*. The University of Chicago Press. Chicago, 1986.

PINNEY, Christopher. "A história paralela da Antropologia e da Fotografia" in. *Cadernos de*

*Antropologia e Imagem*. Publicação do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais – PPCIS e do Núcleo de Antropologia e Imagem – NAI, Rio de Janeiro, UERJ, Vol. 2, 1996, p. 11-29.

SAMAIN, Etienne. “Ver e Dizer na Tradição Antropológica. Bronislaw Malinowski e a Fotografia”, in *Revista Horizontes Antropológicos - ANTROPOLOGIA VISUAL*. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 1995. Volume nº 2. p. 19-48.